

De JOÃO MIGUEL MOREIRA AUTO

POESIA DERRAMADA

A idéia é um elétron que de repente salta  
de uma consciência para outra.  
Quiçá um dia verei uma idéia solta  
em rodopios no vazio e alta.

A melodia pode transbordar a pauta,  
a flauta envivece o que a mão grava...  
Assim, a poesia também, vence a palavra  
e nos enche com o vazio que nos falta.

## AGONIA

Na agonia eu amo a dor  
que a arte transubstancia em hóstia...  
Nela gozei o vivo estertor  
de angústia.

## A ESTATUETA SEM BRAÇO

(a Carlos Drummond de Andrade)

As estátuas não são como nós humanos.

Quando nos acidentamos  
dói e sentimo-nos mal com isso.  
Um homem de braço quebrado  
é um homem feio.  
Só os médicos é que gostam  
de ver fraturas externas.

Mas a minha estatueta de barro  
partiu-se e permanece ainda  
tranqüila e absorta,  
estranhamente viva  
como só as estatuetas  
sabem ser quando querem.

Na hora do acidente  
não esboço um só gesto,  
não soltou gemido,  
não piscou o olho nem fez cara feia.  
A bem dizer, não ligou a mínima.

A estatueta sem braço permanece agora  
no mesmo lugar de sempre,  
sentada na exata mesma posição,  
olhando o mesmo ponto da parede.  
Mas o que pode haver, afinal,  
em uma parede apenas branca?  
Nem eu mesmo haveria, aliás,  
posto reparo n'alvura tal  
se não fosse a estatueta de barro  
com seu *voyerismo* insistente  
brechando a lusira da parede nua.

Mas a estatueta me ensina  
a olhar o vazio da parede  
e muitas outras coisas também,  
como sentar para não pensar em nada  
mas apenas calar e dizer tudo  
que só o corpo parado em silêncio  
pode a curso dizer.

- Bom dia estatueta!

Ela não responde.

De braço quebrado  
sabe-se completa,  
diz-me sua verdade  
(se verdade for),  
age sobre mim  
com membro de imaterialidade sinistra,  
ancestral, diáfano e forte  
como o braço do vento.

Sinto medo.

Como é bonita a estatueta sem braço!